

Mestre Sérgio

Josué Montello

PELA dedicatória afetuosa de Sérgio Buarque de Holanda, no meu exemplar da segunda edição de **Raízes do Brasil**, com a data de fevereiro de 1948, vejo que já então éramos bons amigos.

Na verdade, nossa amizade tinha origem mais distante. Começara no Instituto Nacional do Livro, no princípio da década, por aproximação de Augusto Meyer. E estreitara-se mais adiante, quando sugeri seu nome ao Diretor Geral da Biblioteca Nacional, Rodolfo Garcia, para que lhe fosse confiada a Divisão de Consulta da casa, na reforma que tive oportunidade de esquematizar, por determinação do velho historiador e meu querido amigo.

Fomos assim companheiros por algum tempo, visto que me coube, como Técnico de Educação, dirigir e reformar os Cursos da Biblioteca Nacional, dando-lhes nova orientação, em moldes técnicos modernos.

Francisco de Assis Barbosa, no louvor da vida e da obra de Sérgio Buarque de Holanda, na Academia Brasileira, teve a bondade de recordar esse episódio esmaecido — avivando em mim a saudade do velho companheiro, a quem também confiei a regência de uma das disciplinas do Curso Superior de Biblioteconomia.

E tanto a Divisão de Consulta quanto a disciplina do Curso de Biblioteconomia, ele as deixaria pouco depois, assim que São Paulo o chamou e lhe entregou a direção do Museu Ipiranga, vaga com a morte de Afonso de Escragnole Taunay, seu mestre e seu amigo.

A distância do Rio, com outras solicitações pessoais e culturais, não o afastou de nosso convívio — graças sobretudo à constância de sua atuação intelectual. Por todos os títulos, a Academia Brasileira deveria ter chamado Sérgio Buarque de Holanda para o seu quadro de sócios. Foi uma de nossas distrações.

A despeito de todo o antagonismo da geração modernista ao rigor formal que vinha da lição de Rui Barbosa, e que exacerbava o predomínio dos cânones portugueses em nossa língua literária, Sérgio Buarque de Holanda soubera resguardar-se dos excessos contrários — escrevendo uma língua limpa e correntia, da mais apurada correção.

E em 1936, quando publica as **Raízes do Brasil**, já suplantada a fase puramente combativa do Modernismo de 1922, Sérgio está na mesma linha de rigor formal que caracteriza a prosa de Graciliano Ramos. Esse seu primeiro livro — que Antônio Cândido assinalou ter se tornado um clássico de nascença — permite-nos sentir, no confronto de edições sucessivas, a preocupação de seu autor, quer no sentido de dar mais nitidez e profundidade ao seu pensamento, no plano das idéias, quer no sentido da limpidez expressiva, no plano da língua literária.

A geração anterior tinha dado ao Brasil, pela pena de Capistrano de Abreu, os **Capítulos de História Colonial**. E é a esse livro que correspondem, com seu poder de síntese, e com suas idéias novas sobre a história e a sociedade brasileiras, as **Raízes do Brasil**, como contribuição fundamental da geração modernista, na ordem da reflexão sobre o processo evolutivo da formação nacional.

É ainda Antônio Cândido quem se reporta aos dois outros livros que, juntamente com **Raízes do Brasil**, compõem a trilogia de obras essenciais que alteraram, para a minha geração, que é também a geração de nosso país: **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre, aparecido em 1933, e **Formação do Brasil Contemporâneo**, de Caio Prado Júnior, publicado em 1942.

Este último — assinale-se — também ficara delimitado ao quadro da Colônia, exatamente como o livro de Capistrano de Abreu, ao passo que o primeiro, embora retroagisse ao período colonial, se voltara sobretudo para a sociedade patriarcal já constituída, e daí partia para explicar as origens, o processo formativo e os traços característicos da nova sociedade. Quer um, quer outro, repletos de informações elucidativas, com o luxo da minúcia necessária. Em suma: ambos se voltavam, como o livro de Sérgio Buarque de Holanda, para as raízes do Brasil.

Já assinalei, em outra oportunidade, que considero o ano de 1922 como a grande data reflexiva do Brasil sobre si mesmo. O ano do centenário da autonomia política abre caminho à busca da confirmação dessa autonomia, ao mesmo tempo em que faz o país voltar-se para a busca de novos caminhos, confirmativos de nossa singularidade nas letras, nas artes plásticas, na música, nas técnicas, nas experiências científicas.

A esse propósito, cumpre reconhecer a importância capital dos dois volumes do **Dicionário Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil**, do velho Instituto Histórico, e que, publicado no ano do centenário, constitui primoroso repositório de monografias essenciais sobre o Brasil, bastando assinalar, entre elas, as de Teodoro Sampaio de Oliveira Viana, de Tavares de Lyra e de Rodolfo Garcia, notadamente a **História das Explorações Científicas**, deste último.

Quem lê, hoje, a famosa conferência sobre o Espírito Moderno, que Graça Aranha proferiu na Academia Brasileira no auge da polêmica do Modernismo, facilmente reconhece que o mestre de Canaã, não obstante a sua indiscutível liderança no movimento, estava meio perdido, sem saber ao certo para onde ia a geração que pretendia comandar.

Na realidade essa geração tomaria um rumo essencialmente nacionalista, no sentido de deseuropeizar o Brasil, dando-lhe a consciência de sua genuinidade, à revelia dos modelos culturais que ainda nos pudessem fascinar. O Futurismo, aqui, não é o de Marinetti, mas o encontro com o futuro próximo, através do conhecimento profundo de nosso passado.

Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda é uma figura duplamente representativa — de seu tempo e de sua geração. Tendo participado do Modernismo na sua fase polêmica, o crítico e ensaísta não tardou a encontrar seu próprio caminho na meditação sobre o Brasil, sem restringir a essa reflexão a curiosidade de seu espírito. Sérgio soube ser ao mesmo tempo um homem universal, com a amplitude do horizonte intelectual e com a identificação profunda dos problemas de nosso tempo.

Tendo vivido três anos na Alemanha, quando moço, dali veio mais brasileiro. Antes, conforme acentuou Afonso Arinos em discurso na Academia Brasileira, tinha sido essencialmente francesa a cultura de Sérgio Buarque de Holanda. Da Alemanha passou ele à Itália, e ali completou a sua visão do mundo — harmonizando em si o gosto da arte, a reflexão filosófica e a clareza expositiva, que lhe advieram das três experiências sucessivas, com as quais aprimorou a seu modo, para o tirocínio de toda a vida, a sua visão do Brasil.

Cada um de nós, com a vocação das letras, nasce para escrever determinado livro. Ou então passa a vida a continuar o mesmo livro, de modo que, na diversidade de títulos e obras, perdura a unidade subterrânea, que se ajusta ao livro para o qual nascemos. Cervantes reconhecia ter nascido para escrever o **Dom Quixote**. Flávio de Almeida concluiu que Eça de Queiroz nascera para escrever **O Crime do Padre Amaro**.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu para escrever **Raízes do Brasil**. Toda a sua obra ulterior liga-se a esse livro de estréia, de tal modo que o seu título poderia ser o título das obras completas do grande escritor, com o sentido da mais perfeita unidade e harmonia de conjunto.

Embora me ligasse ao grande companheiro o sentimento da admiração e da amizade, quase não nos vimos nos últimos anos. Basta dizer que foi em Amityville, nos arredores de Nova Iorque, na residência de Ernesto Guerra da Cal, em 1966, depois de termos estado em Boston, na Universidade Harvard, que nos encontramos pela última vez. Estou a vê-lo, na pequena enseada ao fundo da casa, olhando as águas tranquilas, e é essa a imagem que dele me ficou, como no colorido de um retrato de corpo inteiro.

Mas o certo é que continuei a conviver com Sérgio Buarque de Holanda, nos anos subsequentes, e com a devida frequência, sempre que tirei um de seus livros da estante, para voltar a caminhar com ele, recolhendo-lhe a dupla lição — a de seu saber e a de sua vida cordial.

Jornal do Brasil
18.05.82